

DA PAIXÃO DE APRENDER À PAIXÃO DE ENSINAR⁵

FROM THE PASSION TO LEARN TO THE PASSION TO TEACH

Madalena Freire⁶

Resumo

Neste texto são tecidas considerações sobre os atos de ensinar e aprender, fundamentados em conceitos de ser humano, paixão triste e paixão alegre, e educação do sonho. Tais formulações sustentam uma concepção democrática de educação. O papel do educador é enfatizado, considerando, ainda, os desafios do contexto pandêmico e político do país. Com inspiração em Paulo Freire, o horizonte é a construção de um mundo mais humano, mais respeitoso, com mais liberdade, onde não seja tão difícil amar.

Palavras-chave: Educação. Paixão alegre. Paixão triste. Paulo Freire. Diálogo.

Abstract

In this text, considerations are made about the acts of using and learning, fundamentals in the concepts of human being, sad passion and happy passion, and dream education. Such formulations support a democratic conception of education. The role of the educator is emphasized, also considering the challenges of the country's pandemic and political context. Inspired by Paulo Freire, the horizon is the construction of a more human world, more respectful, with more freedom, where it is not so difficult to love.

Keywords: Education. Happy passion. Sad passion. Paulo Freire. Dialogue.

Muito obrigada a todos desta Universidade! É uma alegria e um imenso prazer estar aqui, mas alegria e prazer também recheados de muita agonia e de muita ansiedade. Toda aula, todo encontro educativo – isso significa que de um lado há o educador e do outro lado, os educandos – é sempre uma aventura na qual não se tem controle dos caminhos, dos problemas, das dificuldades que teremos que lidar.

⁵ Texto da aula magna ministrada, no dia 29 de junho de 2021, durante o Festival Paulo Freire [on-line], organizado pela Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NcjTVnCHxdU>. A retextualização da transcrição da aula para este artigo foi realizada por Liana Garcia Castro, Mestre em Educação (PUC-Rio), Doutoranda em Educação (PUC-Rio).

⁶ Diretora pedagógica do Instituto Superior de Educação Pró-Saber e autora dos livros *A paixão de conhecer o mundo* (1983) e *Educador, educa a dor* (2008), ambos pela Editora Paz e Terra. <https://orcid.org/0000-0002-4693-0903>.

É por isso que falo sobre aventura e criação: porque a concepção de educação em que acredito parte da compreensão de que o ouro – o ouro do ensinar, o ouro de educar, o ouro da educação – é a pessoa humana que aprende, que conhece. Dizer pessoa humana é uma redundância, porque não tem pessoa que não seja humana, mas, no mundo de hoje, nesse mundo onde a vida humana virou descartável, onde essa brutalização do pensar e do sentir virou banalidade, insisto na redundância: o ouro do ensinar, do educar é a *pessoa humana* que aprende e que conhece.

Por conta do meu nervosismo, e isso não é charme (as pessoas e os alunos que me conhecem sabem que começo toda aula com uma ansiedade terrível e aos poucos vou me soltando, vou ganhando sintonia com os alunos, os quais não vejo o rosto agora, os quais sei que estão aí, mas não estão em interação direta comigo), sempre redijo um pequeno caminho por onde vou trilhar.

Ser humano

Ser humano significa imperfeição, significa vulnerabilidade, significa essa finitude da qual padecemos tão em carne viva neste mundo atual, neste mundo pandêmico, onde perdemos o afago, a quentura do abraço e do toque.

Esse humano é constituído de faltas. E falta é desejo, é o que nos move a caminhar, a ser mais, a buscar o conhecimento e a mergulhar no processo de aprendizagem. Falta, portanto, é o que nos constitui humanos e é o que parteja o desejo e a desgraça... É que somos constituídos de desejos de vida e desejos de morte. Essa afirmação tem inspiração na psicanálise – a psicanálise não trata de desejo de vida e de morte, trata de pulsão de vida e pulsão de morte, mas adoro esta palavra: *desejo*. E desejo de vida significa desejar a vida, envolver-se com a vida, mergulhar no risco da vida. Significa problema, significa “não sei”, significa falta, significa ignorância. É por isso que o educador, ao lidar com esse humano finito, imperfeito, vulnerável e frágil, lida com a dor. Porque dói aprender. Dói, porque lida com o que não se tem ainda, lida com o que falta. É por isso que temos este nome: *educador* - aquele que *educa a dor*, a dor desta busca do que me falta.

Nunca serenamos e nos acalmamos com o que falta, com o que conseguimos conquistar. E é esta falta, é esse desejar a vida que nos alimenta. Vida é problema, vida é conflito, vida é confronto, vida é divergência. Se vida é conflito, desejar a morte é acomodação, é ausência de pergunta, de agonia. Acomodação no sentido da reprodução: “não, não precisa fazer isso; já tenho tantos anos de experiência; pega um caderno do ano passado que está tudo escrito”. Arrogância também é morte: “porque meu PhD, isso e aquilo”. Desejar a morte é virar múmia (e nem sempre se sabe que é múmia). É este conflito entre vida e morte que nos constitui. Ninguém pode dizer que só tem vida, não existe isso; existe vida e morte ao mesmo tempo, em conflito dentro de nós e dentro de cada outro na nossa frente. Somos seres constituídos de vida e morte.

Morte é acomodação, é paralisia, é fatalismo, é cinismo. Essa briga entre “vamos enfrentar isso”, “está muito ruim, mas fecha os olhos, agora fecha os ouvidos”, “não te contamina, vai lutar”, “tem que se esconder, se esconde”. Essa guerra entre morte e vida é a base da paixão. Eu me entusiasmo pela vida, me entusiasmo pelo conhecimento, me entusiasmo por uma conquista no grupo com meus alunos, com os meus parceiros. A paixão de desejar a vida entra sempre em combate com a paixão de morte. Mas tem uma morte altamente saudável que é quando falamos: “chega, me deixa quieta. Preciso morrer para tudo isso que aconteceu, para poder ressuscitar amanhã e estar diante do grupo, estar fazendo a aula”. Nesse sentido, morremos todo dia, nascemos todo dia, enfrentamos a vida a cada hora, a cada instante.

Paixão triste e paixão alegre

A concepção autoritária – que tem uma paixão autoritária – educa para uma paixão triste, acomodada, homogênea, passiva, obediente. Reproduz o conhecimento nessa paralisia, nesse anestesiamiento do processo de aprendizagem que só faz cópia de outros. Os educadores e as educadoras, por exemplo, aderem a modas pedagógicas: “agora é o Piaget, joga fora o Vigotski”, “agora é o Vigotski, joga fora o

Piaget”, “agora é Reggio Emilia”⁷. É esta morte que não fala do interesse que me move, do que impulsiona o meu desejo de vida, de buscar, de aprender – porque cada um constrói a sua aprendizagem, no grupo e com um educador.

O conhecimento é partejado sempre no grupo mediado pelo educador, nessa busca permanente de desejar, nesse conflito entre morte e vida que produz paixão. Mas há a paixão de vida e há a paixão de morte. A segunda está na concepção autoritária, na concepção centralizadora, que não escuta e não parte do saber, da curiosidade, do interesse, da vontade do educando: não escuta para partear com ele o conhecimento, o novo. Algumas vezes o desejo de vida é uma fagulha, é uma chama, é frágil, e, em outras vezes, é um desejar vida.

Desejo é chama do que nos habita, do que expressa nossa essência, nossa alma. O desejo de ser sempre mais, aprender mais, vem da insatisfação em relação ao conhecimento que já se tornou velho em alguns aspectos da minha aprendizagem. Então busco outro para aumentar essa chama, que pode estar frágil, fraca. Em compensação, com alguns alunos, o desejo pode estar em permanente labareda desorganizada, sem limite. Nesses casos, o educador necessita intervir, limitando e cercando a tomada de consciência para educar essa labareda, que consome e que não produz conhecimento. De tão desorganizada, ela se perde. O mais difícil é educar a chama. O mais fácil nessa busca de desejar a vida, em que os educandos ou nós educadores nos encontramos, é que essa labareda incendeie ou se apague.

Educar a chama pode apagar o nível de dificuldade, de conflito, de insanidade deste mundo atual, mas não a própria chama. Digo o mundo, porque o Brasil deste mundo, deste estado em que a humanidade está, o mais fácil é incendiar; o mais difícil é limitar, é, em alguns momentos, se preservar. Porque também é necessário silenciar, para não “dar murro em ponta de faca” e se perder na exposição, e, nessa perda, ser castrada pelo outro ou pela realidade. Preciso me preservar para ganhar força e luz nas empreitadas que tenho que enfrentar. Essa preservação de si é alimento para me sustentar nesse ato de desejar a vida; esse se preservar é altamente respeitoso comigo mesma, como educadora, e com os meus alunos.

⁷ Referência à abordagem pedagógica desenvolvida em Reggio Emilia, província no norte da Itália, com crianças até seis anos.

Desafios atuais

A situação atual não pode aniquilar o nosso desejo de vida. Cada um tem o seu desejo e cada um é o guerreiro que precisa preservá-lo. É um ato de fé. Cada um precisa assumir o seu desejo e garanti-lo, fazer vigília por ele. Ninguém tem o poder de matá-lo: isso só ocorrerá se eu deixar, se eu baixar a guarda.

O que vivemos hoje é sim uma situação extremamente aniquiladora da paixão. É uma situação que forja essa realidade atual do medo, da amargura, do desrespeito pela vida. Essa paixão triste é combatida com paixão alegre. Paixão alegre é o desejo de vida, paixão alegre é o que busco: “vou sair de cena, não quero ver, desliga esse negócio, tira essa imagem, vou mergulhar, retirar-me na minha paixão para me fortalecer”. E obviamente este educador precisa estar em sala de aula, porque é no trabalho de formiguinha, em cada aula, que se constrói, se reivindica e se entra em confronto com esse desejo de morte. Insisto: ninguém tem o poder de matar esse desejo, ninguém tem o poder, porque ele só é morto se eu baixo a guarda; então a responsabilidade é minha.

Esse desejo de vida é o que me dá força, é ato de fé na vida, é assumido por essa pessoa humana que se pensa, que pensa sobre o pensar. Este é o alicerce para a construção do conhecimento: o pensar sobre o que estudo, sobre a minha prática; o pensar movido por esse combate entre morte e vida. É esse pensar que move a aprendizagem e o ensinar: é o que nos dá energia para desejar a vida. Mas pensar é perguntar, é questionar, é sentir, é buscar agir de acordo com o que sinto.

Neste mundo de agora, na pandemia, em que fomos roubados da interação entre muitos, vemos nossa vida perder o brilho pela falta do toque, do aconchego, da celebração coletiva. No entanto, temos vias de acesso, mas só chegamos a elas se houver desejo, porque só aprende e só ensina quem deseja. Desejar não é assim: “ah, estou com vontade”, “ah, não estou com vontade”, “ah, não quero isso porque é muito difícil”. O desejar – do educador e do educando – é essa aposta, é essa fé na pessoa, no humano. É fazer da mudança que ainda está em construção um ato de fé. Este humano

é geneticamente amoroso e geneticamente social, porque nasceu de dois que se amaram. Com exceção dos casos de estupro, que são casos excepcionais. Não me refiro a isso, mas aos que se amaram do seu jeito e do jeito possível, porque não existe receita de amor.

Cada um ama como sabe e como pode. Mas somos geneticamente amorosos e geneticamente sociais, porque nascemos no grupo, em uma família, no espaço privado. Depois as interações se ampliam, mas vivemos sempre em grupo. Dois já formam um grupo.

Estudamos sozinho, mas apenas construímos conhecimento, com todos esses dilemas de vida e morte, em grupo. Já que somos geneticamente amorosos e geneticamente sociais, esse processo de aprendizagem é concebido no confronto com a minha opção, com o meu sonho. Esse confronto é a guerra entre o velho e o novo, entre o que está velho em mim, o que já morreu em mim, e o que é novo, o que me empurra para buscar. Nesse movimento de vida, esse educador é constituído de amor, de ódio, de raiva, de agressividade pelo conhecimento. O ódio se constitui pelo germe da raiva que engulo, mas, quando essa raiva me move e me empurra para vida, se torna uma agressividade positiva, que propõe saídas. Cada um tem este germe, porque precisa ter raiva, no sentido de: “não aguento mais repetir essas coisas, isso já está velho para mim...” Preciso buscar qual é o sentido em que prática e teoria caminham juntas, alimentando uma e outra. Por isso, o processo de aprendizagem que aposta na vida tem como motor básico o pensar, o questionar, o perguntar. As certezas são sempre provisórias.

Na indiferença, não aprendo nem ensino

Só aprendemos por amor ou por ódio, e o ódio de que falo não é a violência, de maneira nenhuma: é o que se constitui como mola propulsora da busca. Este amor e este ódio nos habitam e nos constituem humanos, nos impulsionam na busca de aprender. Isso significa que, na indiferença, não aprendo e também não ensino,

porque, geneticamente amorosos que somos, precisamos de vínculos sociais o tempo inteiro, o resto da nossa vida.

A indiferença é a negação da possibilidade de acompanhar e promover o processo de aprendizagem. E ela se manifesta em situações bem claras, como: aqueles alunos que não gravo o nome, aquele professor que nem sei qual é a matéria, aquele que não me diz nada, aquele que eu levo um susto “ah, é meu aluno!” Isso está no reino da indiferença, e não há educação possível na indiferença. A prova disso são aquelas situações em que paramos para pensar e respondemos: “quem ficou? Quais são os professores que ficaram?” Porque nós ficamos.

Meu pai dizia que nos eternizamos nos alunos. Ele diz de outro jeito, mas o sentido é este: quem carrego aqui dentro, quem me constitui? Posso dizer: aquele de matemática, aquele de química, aquele de português, mas da terceira, da quarta, da universidade, eu tenho um branco... O branco existe na indiferença. Na indiferença, o humano não ensina nem aprende porque não deseja, porque não é movido por essa guerra entre morte e vida.

Nesse processo de aprendizagem, que se constitui no confronto com problemas, o pensar é arma de luta. Para nós, educadores, não basta só pensar, é preciso refletir. Refletir é apurar o pensar, é lapidar esse ouro bruto, organizar, cortar, melhorar. Esse pensar reflexivo precisa do apoio na escrita ou no registro nas mais variadas linguagens. Esse processo de aprendizagem não é agradável de imediato, não é fácil; ele exige, dói. Aprender dói num primeiro momento. Só conquistamos o prazer do aprendizado depois; o prazer é construído. Por isso que o educador é o que educa a dor, a dor no difícil, no esforço, no empenho.

Esse educador é um intelectual: qualquer professor é um intelectual, porque lida com conhecimento, com o mundo das ideias. Não é qualquer coisa ser professora de educação infantil. Muito pelo contrário! Esse educador tem o dever de ir acompanhando esse processo de aprendizagem, lidando com desejo de vida e o de morte. Ele é responsável por fazer do seu espaço de sala de aula um espaço de aprender a estudar. Esse intelectual não para de estudar nunca. É igual ao cirurgião médico que, se parar de estudar, mata. O educador pode matar o desejo de vida.

O educador que não assume o seu estudo, as suas pesquisas, o seu empenho, que não constrói sua disciplina intelectual, não é modelo para o educando. E é esse o modelo que ele precisa encarnar para que o educando também encare os conflitos do processo de aprendizagem. Conflitos esses que também se manifestam no corpo, com sintomas como ansiedade, agonia, dor de cabeça. Exclama para ele mesmo: “Ah, vou fugir!”; “Não, não aguento!”; “Vou embora!”. É difícil, mas é preciso se fortalecer, se empenhar e mergulhar no que tenho para dar, e me dizer “tenha calma, você vai conseguir, foca...”. Então, este aprender, que não é fácil, tem muitas batalhas, dor, aposta em si mesmo, aposta no grupo, nos parceiros.

Diferente da concepção autoritária, que alimenta a paixão triste, pelo medo, pelo nefasto, a educação que alimenta a paixão de vida é aquela que acredita que o sujeito tem condições de enfrentar a dor. Esta paixão alegre que deseja a vida dá muito trabalho, porque é gestada no conflito, no confronto, no heterogêneo, na luta entre velho e novo, no caos da criação, na perdição. Porque estar vivo é estar em conflito permanente com a vida e a morte, produzindo dúvidas e certezas sempre questionáveis.

A educação do sonho

Estar vivo é assumir a educação do sonho, porque cada um tem um sonho. A educação autoritária não nos faz pensar no sonho de cada um, não escuta nossos desejos. Não é de imediato que encontramos nosso desejo. Por isso, o educador precisa ajudar a iluminar o que está por trás da vontade, o que está por trás do interesse, o que está por trás do que não está sendo dito: aí está o desejo de aprender. Nesse sentido, o educador é um leitor intérprete dos desejos dos alunos e do grupo. Não estou me referindo aos alunos dizendo “Quero estudar isso ou aquilo”, mas à escuta do que os move. Você olha para aquela pessoa, e o olho brilha, a bochecha fica vermelha, a voz muda.... Aí mora o desejo. Somos educados na concepção autoritária a não ver, não olhar, não escutar; somos educados num monólogo, para ouvir, fazer, copiar, ser passivo e “não perguntar demais”.

Crianças, na Educação Infantil, quando são controladas o tempo todo pelos adultos.... Essa é a educação autoritária, que põe uma camisa de força nos educandos, para que obedeçam, para que silenciem, para que ajam na reprodução. É a educação da morte. Quando negamos o pensamento, o desejo, estamos castrando. Não é novidade chegar à universidade infantilizado intelectualmente, como alguém que só copia. O educador autoritário repete: “Não é para dizer com suas palavras, é para dizer com as palavras do livro.” Começa na Educação Infantil e coroa nesta relação.

Estar vivo é assumir essa educação do sonho no cotidiano, no trabalho de formiguinha, na realidade em que vivemos. Não adianta xingar a realidade, não adianta se opor à realidade: é preciso mergulhar na realidade, enfrentá-la, pensando, refletindo, sonhando. Sonhar não é perder o pé da terra, é estar enraizado na realidade.

Agora, por exemplo, com as aulas on-line, a escola invadiu o espaço privado do educando. É com essa realidade que precisamos trabalhar com cada um. É preciso dizer para ele: “Preciso ver o seu rosto para que eu possa entrar em comunicação com você.” “Ah, não pode? Por que não pode?” Não se pode fugir do conflito e do confronto. “Ah, mas isso é delicado!” Claro que é delicado, mas temos que assumir o delicado e enfrentar a situação. Não é com câmera fechada, que vamos valorizar os educandos nem o educador: isso é um desrespeito com todos. Educador é modelo, é exemplo, acompanha o processo para conquista do produto. Educador não é aquele que sabe mais e ponto. É o que sabe mais para conduzir e acompanhar o processo para conquista do produto.

Penso que estamos aprendendo neste mundo on-line a refletir sobre a importância do educador nesta vulnerabilidade da vida e nas delicadezas de entrarmos na casa dos nossos educandos, mantendo respeitosamente a relação e o vínculo. Na minha prática – e cada um tem a sua prática, cada um tem que buscar respostas para as perguntas que a realidade nos impõe –, coordenando os professores do Curso Normal Superior no Instituto Pró-Saber⁸, venho acompanhando e atiçando todos sobre

⁸O Curso Normal Superior com habilitação em Educação Infantil, do Instituto Superior de Educação Pró-Saber, desde 2004, forma, em serviço, professoras e professores que trabalham em instituições públicas, comunitárias e particulares de Educação Infantil situadas, prioritariamente, em comunidades de baixa renda.

a defesa dessa vida, do pensar, do refletir diante de toda vulnerabilidade. Mesmo diante da precariedade dessa relação on-line, não se pode diminuir 1 milímetro da construção desse espaço sagrado do conhecimento no mundo público.

Insistir com cada aluno sobre a construção de seu espaço de sala de aula foi duro no começo. No início, as aulas eram pelo *WhatsApp*⁹; agora, depois de um ano, estamos utilizando o *Google Meet*, e isso vem facilitando essa interação. Tenho impressão de que o que estamos aprendendo é que a realidade muda, mas a concepção de educação não; a concepção de educação continua firme.

Fomos educados, e vivemos ainda, numa concepção autoritária que não escuta, não olha, não vê, não se importa com o saber e o pensar do educando, da realidade dele e que, portanto, trabalha o abandono. Não assume o acompanhamento e o compromisso com esta classe social, com cada um e com o grupo. A prática é do abandono, nessa cópia, nessa massificação, nesse reproduzir cotidianamente em tudo. Um exemplo disso é quando perguntamos ao coordenador pedagógico ou diretor de escola: “Quantos alunos você tem?” Ele costuma responder: “Não, atualmente estou fora de classe”. Se o coordenador, se um diretor não se vê numa classe, os professores estão abandonados. Quem é o professor do professor? Quem é o educador que pensa com o professor? O coordenador tem a classe dos professores. É preciso que o coordenador pedagógico assuma a classe dos professores. Assumir significa trabalhar a partir das reflexões sobre a prática de cada professor e com este material em que todos se leem, em que todos partilham o seu pensar. O educador vai iluminar a teoria que falta.

Educador, quando não assume o acompanhamento do pensar, da reflexão, do informar, do formar, ele abandona. Então, numa concepção autoritária, somos educados a isso, a abandonar o outro. E o que estou querendo pensar com vocês é que, quando há uma câmera fechada e o educador não diz nada, é abandono.

⁹As experiências das aulas no Curso Normal Superior pelo *WhatsApp*, no ano de 2020, são narradas no livro *O inédito é viável? Formação de professores de educação infantil na pandemia*, organizado por Clara Araujo, Cristina Laclette Porto, Isis Flora e Liana Garcia Castro, sob a coordenação de Madalena Freire. Publicado pela Editora Pró-Saber (2021).

O abandono que se manifesta na câmera fechada já existia no presencial. O que estamos enfrentando agora é o retrato do que já existia, e é isso que temos que romper, é isso que o tempo de hoje nos exige, é isso que a insanidade de hoje convoca. Agora ninguém pode dizer “ah, o Brasil!...” O Brasil está aí, escancarado, preconceituoso, racista, uma vergonha, mas está aí. E é diante desse aí, que preciso ter um posicionamento, porque sou educadora.

Refletir é resistir

Para nos mantermos resistentes e rompermos com a anestesia, é preciso trabalhar, parar todo santo dia, ter um tempo, não importa quanto, para registrar e refletir a partir do seu registro. A reflexão é crucial. Todo educador, se tem aula todo dia, tem o dever de parar – não importa o tempo que ele tenha, 10 minutos, 15, meia hora – para refletir sobre sua prática e se alimentar da sua avaliação para o planejamento da próxima. Planejamento é hipótese: planejamento não significa seguir à risca, e os alunos têm que entrar naquele planejamento. Não, planejamento é uma hipótese que, antes de entrar em aula, elaboro em cima do conhecimento que tenho. Informo meu planejamento para o grupo, mas acompanho como cada educando e o grupo interagem a partir do que estou propondo.

Registrar significa refletir sobre a sua aula, sobre a sua prática. Reflexão é o germe da teoria: é a reflexão que leva a estudar a aula, e o estudar a aula é o estudar a si mesmo e cada um dos seus alunos. Nessa reflexão, tenho a possibilidade da tomada de consciência dos momentos em que me omiti, convivi com o desejo de morte, me acomodei e não falei nada, fiz vista grossa, não sabia o nome dele, mas fingi. É a reflexão que acorda esse sujeito alienado; acorda e impõe mudança para esse sujeito, que copia pensamento dos outros, em vez de construir os seus. Porque aí está o germe da vida, da morte, da reflexão possível para a mudança.

O registro do cotidiano, o que hoje é chamado de documentação pedagógica, vivo no Curso Normal e vivi no livro “A paixão de conhecer o mundo”. Ele é a seleção de alguns relatórios, produzidos quando eu era professora de Educação Infantil numa

escola particular, e foi construído a partir das minhas reflexões cotidianas sobre a realidade que eu estava partilhando. Hoje, fala-se muito sobre documentação pedagógica, com base na experiência de Reggio Emilia, mas, diferente do que a abordagem propõe, não há reflexão cotidiana, não há diário de reflexão sobre a prática. Experiência que importa, para mim, não é a importada, é o que fazemos aqui e agora, no dia a dia. É a que tenho responsabilidade de assumir, porque autoridade caminha junto com autoria, que caminha junto com autonomia. São três vigas mestras: quem assume, quem caminha, quem coordena. É cada um com o outro.

Esse livro foi um marco na minha vida muito importante, porque eu achava que não precisava publicar, e meu pai, voltando do exílio em 1981/1982, disse: “Não, está muito bom! Tem que publicar!” Ele sentou comigo, durante dois meses, e trabalhamos na publicação. Digo isso, porque ele sempre foi uma influência muito grande para mim, mas foi o que estamos dizendo aqui: o educador ilumina o que sabe, mas saber mais não é saber tudo. Saber mais é saber o processo para a conquista do produto, e ele foi muito importante nesse sentido para a minha vida, não só nesse livro, mas para tudo mais que eu fiz.

Penso que a saída só é possível na reflexão conjunta, na reflexão com cada um e todos sobre a realidade. A resposta não virá por um iluminado educador: ela é gestada no conhecimento de todos no grupo. Por isso que é ainda mais delicado agora. Não fomos educados para pensar democraticamente, para gerar o pensar. A reflexão, na interação com o grupo, com cada um e com todos, é o que nos dá força e energia para encarar o combate entre a morte e a vida.

É preciso assumir esse sonho no cotidiano para a paixão permanecer viva no educando; é preciso educar o medo e a coragem em ousar, em assumir a solidão de ser diferente, em assumir-se enquanto educador modelo, que dá o testemunho para o grupo. Medo e coragem em romper com que está morto em mim, e finjo que não. Medo e coragem em assumir a educação deste drama de existir. Sim, é um drama existir. Somos sujeitos porque desejamos, sonhamos e criamos na busca permanente e cotidiana da Alegria. Paixão triste se combate com paixões alegres. Caso contrário,

vamos sucumbir na paixão triste, no medo, no desrespeito, em toda essa loucura que estamos vendo e vivendo.

Paixão de alegria, de aprender, de ensinar, do esperar, isso é Paulo Freire. Meu pai dizia que esperança é verbo, é o esperar, fazendo todo dia uma fagulha do meu sonho, assumindo o difícil, a realidade do agora. O esperar sempre, sempre, sempre. A esperança é um sintoma de vida, nas mais terríveis situações: é do humano a esperança. Esperar um mundo mais humano, mais respeitoso, com mais liberdade, onde não seja tão difícil amar. Isso é Paulo Freire.

Referência

FREIRE, Madalena. Canal Comunidade FEUFF. Aula Magna Da paixão de aprender à paixão de ensinar. Youtube, 29 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NcjTVnCHxdU>.

Data do envio: 01/11/2021

Data do aceite: 17/11/2021